

Soberania Alimentar e a construção de mercados locais para produtos da Agricultura Familiar

VOLUME I, EDIÇÃO 1

OUTUBRO 2008

BOLETIM INFORMATIVO EDIÇÃO ESPECIAL
DIA DA ALIMENTAÇÃO

Interesses especiais:

- *Soberania Alimentar - um conceito*
- *Experiências que conectam consumidores e agricultores na busca pela Soberania Alimentar*
- *Que Mercado é esse? Que Mercado queremos construir?*
- *Cooperativas de Consumidores*
- *Feiras Ecológicas*

Boletim editado pelo

Centro Ecológico
Núcleo Litoral
Norte

51 3646 2220



www.centroecologico.org.br

Soberania Alimentar - um conceito

O conceito de soberania alimentar foi inicialmente postulado pela Via Campesina e pode ser enunciado como “o direito dos povos a alimentos nutritivos e culturalmente adequados, acessíveis, produzidos de forma sustentável e ecológica, e o direito de decidir seu próprio sistema alimentar e produtivo.” Apesar deste direito ser incontestável e exigível, o modelo de desenvolvimento adotado de maneira hegemônica pouco tem colaborado para seu alcance.

Adaptado do Estudo sobre Soberania Alimentar e a construção de mercados locais para produtos da Agricultura Familiar, de Laércio Meirelles.



Uma conexão entre agricultores e consumidores

Existem diversas experiências que conectam agricultores familiares com o mercado de alimentos. Elas buscam a construção de alternativas de circulação de mercadorias na perspectiva da soberania alimentar, se contrapondo à lógica de um modelo agrícola que privilegia exclusivamente a produção voltada para o mercado de *commodities*. Tais circuitos baseiam-se em feiras livres, pequenas lojas de cooperativas de produtores ou consumidores, mercados institucionais. Diminuir os elos de intermediação, formatar alianças entre produtores e consumidores e compartilhar os benefícios gerados pela comercialização são suas premissas básicas. Aliados aos chamados Sistemas Participativos de Garantia como o da Rede Ecovida de Agroecologia- podem ser uma alavanca para o desenvolvimento local. Benefícios ambientais também são promovidos pelos mercados locais. Em tempos de aquecimento global, os sistemas que reduzem a distância percorrida pelos alimentos são particularmente importantes. Assim, pode-se afirmar que todo e qualquer esforço que se faça para apoiar iniciativas que promovam os mercados locais devem ser valorizadas e incentivadas.

QUE MERCADO É ESSE?

Uma das principais conseqüências da hegemonia neoliberal que vem afetando fortemente o planeta desde os anos 1980, é o enfraquecimento dos Estados nacionais perante o poder das grandes corporações transnacionais. Este quadro acentua um modelo de desenvolvimento que tem no crescimento econômico sua força motriz, ainda que à custa do bem-estar da maioria da população e da exploração predatória da natureza, gerando uma crise ambiental sem precedentes na história da civilização.

No meio rural, as transformações ocorridas nas últimas décadas são ainda mais evidentes. Desde a chegada dos colonizadores europeus, o modelo de agricultura que se instalou no país baseou-se na expansão das grandes monoculturas, cultivadas em imensas propriedades por mão-de-obra escrava. A partir dos anos 1950, a mal designada Revolução Verde, que preconizava a moto-mecanização, o uso de insumos químicos e a adoção de material genético modificado, mudou o panorama no campo, sem, contudo, contribuir para superar o quadro de fome e desigualdades sociais. A industrialização da agricultura trouxe conseqüências como a mudança da matriz energética da energia solar para o petróleo, a concentração fundiária, a expansão das monoculturas, a contaminação da água, dos solos e dos alimentos, a redução da diversidade biológica e cultural e a elevação dos custos de produção.

A crescente industrialização dos alimentos por grandes empresas e a concentração da comercialização nas redes varejistas exacerbou os problemas acima citados. Esta concentração de poder reduziu as alternativas de comercialização e distribuição de alimentos, causando a diminuição do poder de negociação dos agricultores e a conseqüente redução dos preços agrícolas. Ao longo dos últimos vinte anos este quadro se agravou ainda mais devido à expansão dos negócios nas bolsas de mercadoria e futuros. A inclusão de produtos agropecuários no mercado futuro de *commodities* foi feita inicialmente com o objetivo de responder à necessidade de cobertura de risco de preço, transferindo o risco da produção para os agentes especuladores do mercado financeiro. O aumento do volume de capital especulativo e a decisão dos estados nacionais de não mais investirem em estoques reguladores fez dos produtores rurais reféns dos preços estipulados pelos especuladores financeiros, que transformaram definitivamente a comercialização de produtos agrícolas em um negócio, onde a garantia de acesso da população aos alimentos é o que menos importa.



De acordo com a Nova Sociologia Econômica, devemos trabalhar por um mercado com valores pertinentes à sociedade que queremos construir.



Milho para rações ou agro-combustíveis?

COOPERATIVAS DE CONSUMIDORES DE PRODUTOS ECOLÓGICOS O CONSUMO SOLIDÁRIO INCENTIVANDO A SOBERANIA ALIMENTAR

Uma experiência que vincula diretamente agricultura familiar e mercado, contribuindo para construção de um novo modelo de desenvolvimento para o campo, são as cooperativas de consumidores de produtos ecológicos.

Ao longo dos anos, principalmente a partir do final da II Guerra Mundial, o consumo deixou de ser um ato mediador de satisfação das necessidades para se tornar um fim. A indústria do marketing tem sido muito competente em transformar e confundir os princípios nobres do espírito humano como *liberdade individual* ou *realizações substantivas de vida*, em consumo sem limites. O valor de uso ficou subordinado ao valor de troca em detrimento de uma economia social. O sistema conspira em silêncio (muitas vezes nem tanto) para confundir deliberadamente o *ter* com o *ser*.



COOPERATIVAS DE CONSUMIDORES ONDE A INSTITUIÇÃO *MERCADO* PODE CONTRIBUIR PARA UMA ECONOMIA MAIS HUMANA

Espaço destinado a facilitar as trocas, o *Mercado* ultrapassa suas barreiras e se transforma cada vez mais em princípio indutor do desenvolvimento. O ato de consumir transcende seu princípio original e passa a ter força para direcionar as formas de produção ou mesmo os rumos da sociedade. Esta bizarra equação, onde os seres humanos são reduzidos a simples fatores de consumo, também pode, paradoxalmente, contribuir para a construção de uma economia baseada em valores mais humanos.

Assim, ao consumir produtos da agricultura familiar, o consumidor apóia uma determinada forma de organização do setor rural, canalizando seus próprios recursos para viabilizar a continuidade de um processo de produção ambientalmente responsável e socialmente justo. O ato de consumo passa a ter uma nova dimensão, agora de natureza política. Quando isso ocorre de forma organizada, como, por exemplo, através das cooperativas de consumidores, presenciamos o surgimento de um novo sujeito político, que divulga e reivindica o acesso a alimentos provenientes da agricultura familiar e, quando possível, produzidos ecologicamente.

As cooperativas de consumidores de produtos ecológicos constituem-se, desta forma, em importantes e estratégicos espaços de comercialização e de promoção da soberania alimentar.

A Coopet, a Viver Mais e a EcoTorres representam verdadeiros espaços de promoção da soberania alimentar, pois estimulam a organização de agricultores e consumidores através de laços de solidariedade, fomentam a economia da região e promovem a diversidade biológica e cultural.



FEIRAS ECOLÓGICAS E FEIRA ECOLÓGICA LAGOA DO VIOLÃO ESPAÇOS DA SOBERANIA ALIMENTAR

Diversos aspectos intrínsecos à comercialização direta através de feiras apontam para a promoção da soberania alimentar. Além disso, inúmeros exemplos em diversas partes do mundo demonstram que as feiras de agricultores cumprem um papel fundamental na construção de um novo modelo de desenvolvimento rural, baseado em valores de cooperação, solidariedade e **uso responsável dos recursos da natureza**. Dentre diversos aspectos positivos podemos afirmar que:

- Tende a aumentar a renda dos agricultores, com o pagamento a vista e a venda com preços finais;
- Tende a ter preços melhores para os consumidores, democratizando o acesso ao produto ecológico;
- A relação entre consumidores e produtores gera intercâmbios de percepções e conhecimento de suas formas de vida, além de trazer uma contribuição importante na construção da credibilidade do produto ecológico;
- Estimula métodos produtivos de base ecológica e o resgate da agrobiodiversidade;
- Gera maior autonomia para a família agricultora;
- Reforça a participação das mulheres e jovens na comercialização e na própria organização da propriedade. A possibilidade de comercializar produtos negligenciados e a exigência de mão-de-obra para comercialização fortalecem estes aspectos.

Laércio Meirelles é agrônomo e coordenador do Centro Ecológico.

AQUI VOCÊ APÓIA O SEU DIREITO A ALIMENTOS LIMPOS PRODUZIDOS DE FORMA SUSTENTÁVEL

Feiras Ecológicas e Cooperativas do Núcleo Litoral Solidário da Rede Ecovida de Agroecologia

Edição:

Banca do Grupo de Mulheres Ecologistas do Morro do Forno-
Morrinhos do Sul -RS - sextas à tarde

Feira Ecológica Lagoa do Violão -Torres -RS - sábados das 7h
às 12h no estacionamento do Ginásio

Coopet -Três Cachoeiras - RS - José Rolim de Matos -
fone 51 3667 - 2847

EcoTorres -Torres -RS - José Bonifácio 107
Fone 51 3664 5375

Viver Mais Alimentos Saudáveis -Araranguá -SC
XV de Novembro 1795 -fone 48 3522 0644

Patrocínio:



PETROBRAS

